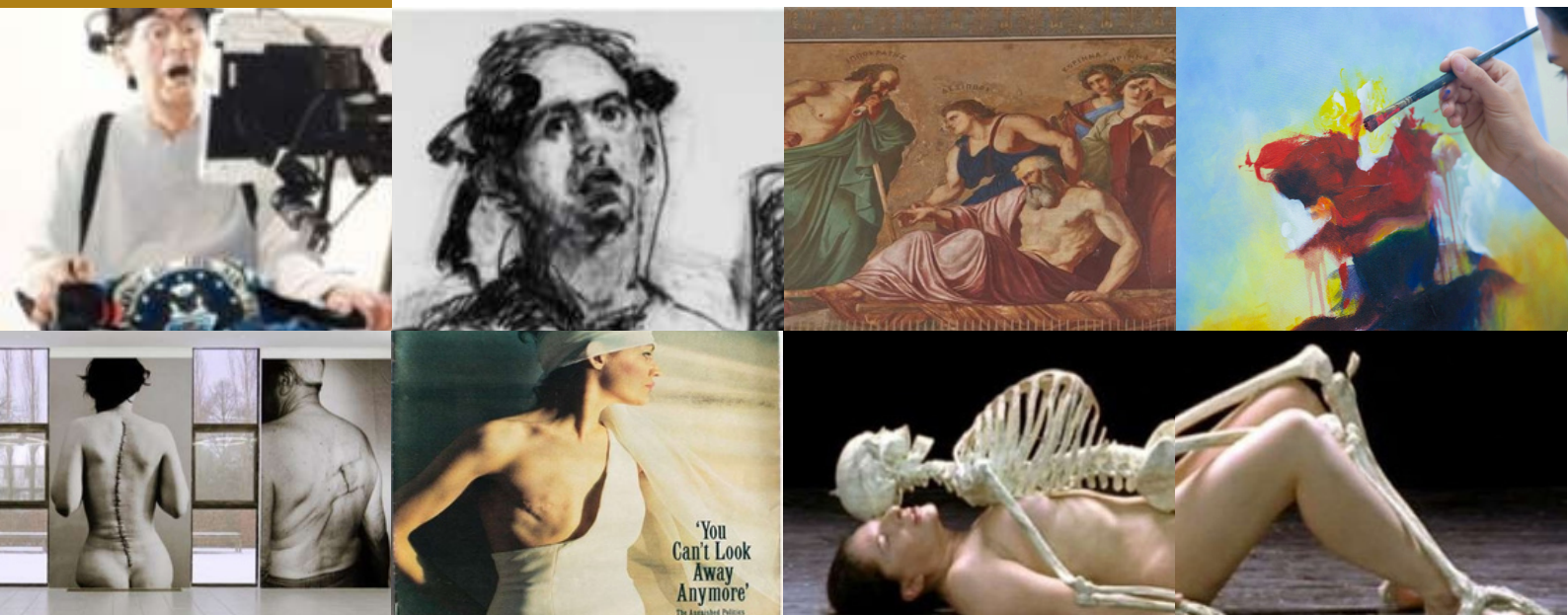




A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO MÉDICA

Luiz Bernardo Curvo
Júlio César Soares Aragão
Ana Paula Cunha Pereira



Dedico este trabalho à minha Mãe, que me apresentou a música clássica, e aos meus Tios Ilona e Antônio Jorge, que me levaram à primeira peça teatral.

Ficha Técnica

Elaboração

Luiz Bernardo Curvo

Discente do Mestrado Profissional em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente
E-mail: luiz.curvo@foa.org.br

Prof. Dr. Júlio César Soares Araújo

Docente do Mestrado Profissional em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente
E-mail: julio.aragao@foa.org.br

Profa. Dra. Ana Paula Cunha Pereira

Docente do Mestrado Profissional em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente
E-mail: ana.paula@foa.org.br

Conteúdo

A Arte como Estratégia de Intervenção na Educação Médica

Roteiro

Luiz Bernardo Curvo

Identidade Visual e Diagramação

Rhanica Evelise Toledo Coutinho

Sumário

Apresentação	04
1. Introdução	06
2. 2. Proposta de PjBL para intervenção	10
3. Os usos da Arte como Estratégia de Intervenção: como fazer?	13
3.1 Objetivo da Intervenção	13
3.1.1 Justificativa	13
3.1.2 Público Alvo	14
3.1.3 Tempo necessário	14
3.2 1ª Etapa: Preparação dos alunos/grupos	14
3.3 2ª Etapa: Intervenção em aula	14
3.4 3ª Etapa: Segurança e integridade das obras de artes	15
3.5 4ª Etapa: Divulgação	15
3.6. 5ª Etapa: Pressupostos para o dia da intervenção propriamente dita	16
3.7 6ª Etapa: Feedback e Encerramento	16
4. Sugestões de artes visuais para possíveis intervenções	18
5. Ana Mae Barbosa e Arte Educação: Interfaces com o Ensino Médico	39
6. Considerações Finais	42
Referências Bibliográficas	43

Apresentação

Prezados colegas professores das graduações em medicina, proponho que a incorporação da arte no currículo acadêmico tem potencial transformador. Em um momento onde a interdisciplinaridade e a criatividade são cada vez mais valorizadas, o papel da arte na educação superior ganha uma relevância especial. A arte não apenas serve como um veículo para a expressão pessoal e cultural, mas também como um meio poderoso para aquisição de conhecimento e desenvolvimento de competências transversais. A arte, com sua habilidade única de engajar o ser humano em níveis emocionais e cognitivos, pode enriquecer o ensino médico de maneira significativa. Utilizando como exemplo a metodologia do Project Based Learning (PjBL) como eixo estrutural, este produto educacional humildemente propõe aos docentes da graduação em Medicina utilizar a Arte como meio de intervenção pedagógica, sendo uma das possibilidades a realização de miniexposições de produtos artísticos que reflitam os princípios e práticas médicas. Acredito que o uso da arte na graduação em medicina possa enriquecer tanto a prática clínica quanto o seu aprendizado.

Este material didático composto por seis tópicos e de fácil leitura. Vocês se depararão com sugestões de manifestações artísticas que poderão servir como ponto de partida para discussões que abrangem às temáticas do campo da saúde.

Introdução

1. Introdução

A medicina, em sua essência, opera através da algoritmização de sinais e sintomas para propor hipóteses diagnósticas que, quando contextualizadas dentro de uma narrativa clínica individual, compõem um diagnóstico nosocomial. Esta racionalização é fundamental para a estratificação do risco, seleção de testes diagnósticos e escolha de abordagens terapêuticas.

Paralelamente, as manifestações artísticas também são ricas em sinais, embora de natureza distinta. Nas artes musicais, as notas formam a melodia e a harmonia; na literatura, as palavras são os tijolos básicos que, quando alinhados de forma coerente, transmitem uma história ou conceito; nas artes pictóricas, os sinais visuais como forma, cor e composição amalgamam-se para criar uma imagem que pode evocar emoções ou representar ideias.

Embora os sinais usados em cada domínio sejam intrinsecamente diferentes, a habilidade para analisá-los e interpretá-los é uma competência fundamental em ambas as áreas. Na medicina, um radiologista interpreta sinais em uma imagem de ressonância magnética com a mesma intensidade com que um crítico de arte analisa os detalhes de uma pintura de Caravaggio. Ambos os profissionais estão contando uma história através da análise e síntese de múltiplos sinais.

Essa interconexão entre a medicina e as artes é não apenas intrigante, mas também orgânica. Ambas envolvem o reconhecimento e a

interpretação de padrões, a capacidade de sintetizar informações complexas e, o mais importante, a habilidade de comunicar essa síntese de forma eficaz e impactante. O profissional médico, assim como o artista, não apenas detecta sinais, mas também interpreta, contextualiza e, finalmente, comunica uma narrativa: no caso da medicina, o diagnóstico e plano de tratamento; no caso das artes, uma emoção ou ideia.

Por isso, proponho que consideremos mais profundamente como o uso das artes pode beneficiar nossos estudantes de medicina. Ao treinar a sensibilidade artística e as habilidades analíticas, podemos contribuir para a formação de profissionais mais completos e empáticos, capazes de navegar tanto pelos desafios técnicos quanto pelos aspectos humanos da medicina.

Essa ligação entre as disciplinas sugere oportunidades ricas para a pedagogia interdisciplinar, beneficiando a formação integral de nossos futuros médicos.

É inegável que a formação médica se concentra substancialmente no desenvolvimento de habilidades técnicas e no domínio do conhecimento científico. No entanto, a prática médica é uma atividade profundamente humana que requer, além das "*hard skills*", um conjunto complexo de habilidades interpessoais, frequentemente denominadas "*soft skills*". Entre essas habilidades estão a comunicação eficaz, a empatia, o raciocínio crítico e a capacidade de trabalhar em equipe.

O uso das obras de arte nas atividades de ensino médico pode ser uma estratégia pedagógica eficaz para abordar essas habilidades. Arte, em suas múltiplas manifestações – seja na literatura, na pintura, na música ou no teatro, permite uma rica exploração da condição humana. Esta exploração oferece um fórum valioso para a discussão e o desenvolvimento de *soft skills* que são cruciais para a prática médica eficaz.

O interesse pela arte ajuda a cultivar uma perspectiva mais profunda e matizada sobre as complexidades da existência humana. Ao analisar uma obra de arte, somos convidados a adotar múltiplos pontos de vista, a questionar nossas premissas e a explorar emoções, tanto as retratadas na obra quanto as nossas próprias. Isso tem implicações diretas para o desenvolvimento de habilidades como empatia e compreensão, que são fundamentais no tratamento de pacientes.

Estudos em medicina narrativa já têm mostrado que a exposição à literatura pode melhorar a habilidade dos profissionais de saúde para compreender experiências de vida que diferem das suas próprias. Similarmente, a interpretação de pinturas ou fotografias médicas pode ajudar os futuros médicos a desenvolverem uma melhor compreensão visual e diagnóstica. A música, por sua vez, pode auxiliar na regulação emocional e no estresse, aspectos críticos para qualquer profissional da saúde.

O objetivo último da medicina é o bem-estar do paciente, uma meta que transcende a mera aplicação de tratamentos farmacológicos ou procedimentos cirúrgicos. Requer a capacidade de se conectar com o paciente como um ser humano integral, compreendendo não apenas seus sintomas, mas também suas preocupações, seus medos e suas esperanças. A arte oferece uma via para essa compreensão.

Proponho, portanto, a incorporação das artes no currículo médico como um meio para enriquecer a formação em *soft skills*. Essa abordagem interdisciplinar não apenas enriquece a educação médica, mas também se alinha com o objetivo humanista de cultivar médicos que são tecnicamente proficientes e interpessoalmente competentes, contribuindo para uma prática médica mais compassiva e eficaz.

Esta reflexão oferece um pano de fundo para futuras discussões e pesquisas sobre como podemos inovar e melhorar continuamente a educação médica, tendo em vista o desenvolvimento integral de nossos futuros profissionais da saúde.

Proposta de PjBL para intervenção

2. Proposta de PjBL para intervenção

O paradigma atual da educação superior requer um envolvimento mais profundo e prático dos alunos no processo de aprendizagem. Nesse contexto, métodos pedagógicos ativos como PjBL têm demonstrado eficácia na promoção de competências como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração.

O PjBL é uma abordagem pedagógica centrada na figura do aprendiz, na qual o processo educacional se concretiza mediante a exploração e solução de problemáticas de natureza complexa e contextualmente ancoradas. Este método oferece um quadro conceitual em que o aprendizado não é meramente uma transferência de informações, mas sim uma atividade investigativa e sintética, engajando os alunos em cenários que mimetizam desafios práticos e intelectuais similares aos encontrados no campo profissional (THOMAS, 2000).

Em contraposição às metodologias pedagógicas tradicionais, que frequentemente se caracterizam por um modelo transmissivo de educação, a metodologia PjBL coloca ênfase na aplicabilidade prática do saber, na colaboração interdisciplinar e na reflexão metacognitiva.

Em domínios acadêmicos e profissionais tão diversos quanto a engenharia e a educação, esta estratégia pedagógica tem sido correlacionada com um aprofundamento significativo na com-

preensão de conteúdo específico, bem como com a aquisição de competências cruciais para a prática profissional. Esta modalidade de ensino-aprendizagem, portanto, não somente fomenta a internalização de conhecimentos, mas também catalisa o desenvolvimento de habilidades práticas e cognitivas essenciais à excelência profissional (KRAJCIK; BLUMENFELD, 2005).

Na esfera médica, que ostenta uma rica tradição em métodos pedagógicos ancorados na aprendizagem baseada em casos e na prática clínica, o terreno parece ser excepcionalmente propício para a incorporação de PjBL, conforme elucidado por Kim (2020). Dentro deste escopo, a PjBL transcende a categoria de mera técnica pedagógica, emergindo como uma filosofia educacional que posiciona o discente como epicentro do seu próprio processo de aquisição de conhecimento. Dillenbourg (1999) postula que este paradigma fomenta um grau elevado de autogestão, atribuindo aos alunos a incumbência de direcionar suas próprias investigações, colaborar interativamente com pares acadêmicos e concretizar uma solução ou produto finalizado.

No contexto da educação médica, este conjunto de habilidades reveste-se de valor inestimável. O processo diagnóstico, para citar um exemplo pertinente, pode ser conceituado como um projeto autônomo que engloba a coleta sistemática de dados (abrangendo a anamnese do paciente, avaliações físicas e análises laboratoriais), a subsequente interpretação destes dados e, finalmente, a formulação de um plano de tratamento rigorosamente fundamentado. Assim, a PjBL não apenas harmoniza, mas também enriquece o complexo ecossistema de competências que a prática médica exige. (DILLENBOURG, [s.d.]; KIM, 2020).

Os usos da arte como estratégia de intervenção: como fazer?

3. Os usos da arte como estratégia de intervenção: como fazer?

3.1 Objetivos da Intervenção

O objetivo da intervenção é explorar como os futuros profissionais de medicina podem integrar práticas artísticas e criativas em sua formação e prática profissional, utilizando a metodologia PjBL. A intervenção visa, ainda, destacar a intersecção entre arte, medicina e educação, demonstrando como projetos criativos podem enriquecer o processo de aprendizagem no campo médico por meio de exposição artística.

3.1.1 Justificativa

A realização da Intervenção Pedagógica por meio de exposição artística proposta neste produto se justifica pela necessidade de integrar práticas artísticas e criativas na formação e prática profissional desses futuros médicos. Esta intervenção, utilizando a metodologia PjBL, oferece um ambiente dinâmico e interativo para explorar a intersecção entre arte, medicina e educação.

A arte como ferramenta pedagógica pode aprimorar habilidades necessárias para o futuro médico, como a observação detalhada, a empatia e a comunicação eficaz. A exposição artística, por sua vez, proporciona um espaço para que os estudantes de medicina desenvolvam um olhar mais humanizado e sensível, qualidades essenciais no tratamento de pacientes.

3.1.2 Público Alvo

Graduandos do curso de medicina.

3.1.3 Tempo Necessário

Aproximadamente 6 (seis) horas/aula e 12 (doze) horas extracurriculares.

3.2 1ª Etapa: preparação dos alunos/grupos

Sugere-se que seja em 2-3 semanas antes do evento por meio das seguintes etapas:

- Definição da equipe: Organizadores, alunos-participantes (expositores), equipe de apoio técnico (para os projetores, som, etc.), e equipe de marketing.
- Comunicação com todos os envolvidos, assegurando que compreendam seus papéis e responsabilidades.
- Seleção das obras: Faça uma chamada para submissões de projetos, detalhando critérios e prazos. As obras podem variar entre representações visuais, apresentações, vídeos, simulações interativas, etc.
- Planejamento do layout do espaço com áreas designadas para diferentes tipos de obras, garantindo fluxo lógico e visibilidade.

3.3 2ª Etapa: Intervenção em aula

Sugere-se que seja em uma semana antes, até o dia anterior por meio das seguintes etapas:

- Organização as obras de forma a contar uma história ou seguir uma progressão temática.

- Instalação projetores e estações de vídeo com equipamentos de áudio necessários. Faça testes para garantir que tudo funcione perfeitamente.
- Preparação da sinalização clara para guiar os visitantes através das diferentes seções da exposição.
- Estabelecimento de um espaço para interação e feedback, como um mural de mensagens ou uma área de “pensamentos e reflexões”.

3.4 3ª Etapa: Segurança e integridade das obras de artes

Realize um *workshop* breve com os alunos sobre práticas de segurança para garantir a integridade dos visitantes e das obras.

Designe responsáveis pela segurança em um sistema de rodízio, garantindo que sempre haja alguém supervisionando as obras.

3.5 4ª Etapa: Divulgação

Sugere-se que comece a divulgação de 3 a 4 semanas antes do evento por meio das seguintes etapas:

- Criação de materiais de marketing: flyers, banners e posts para redes sociais.
- Utilização de canais de comunicação da instituição para divulgação (e-mail, site oficial, redes sociais).
- Divulgação de professores para alunos de outros módulos durante as aulas.

3.6 5ª Etapa: Pressupostos para o dia da intervenção propriamente dita

- Faça uma breve cerimônia de abertura, explicando o objetivo da exposição e agradecendo aos participantes e colaboradores.
- Garanta que a equipe de apoio esteja presente em pontos estratégicos para ajudar com questões técnicas e guiar os visitantes.
- Incentive interações guiadas, onde os alunos-expositores apresentam seus trabalhos e discutem o processo de aprendizado com os visitantes.

3.7 6ª Etapa: Feedback e Encerramento

- Forneça formas para que os visitantes deixem feedback, seja por meio de um livro de comentários ou de formulário do Google Forms.
- Após o evento, reúna toda a equipe para uma sessão de decompressão e feedback. Discuta o que funcionou, o que pode ser melhorado e ideias para futuras exposições.
- Agradeça a todos os participantes, apoiadores, e visitantes, possivelmente com um e-mail de acompanhamento ou uma publicação nas redes sociais destacando os sucessos do evento e quaisquer insights aprendidos.

Sugestões de artes visuais para possíveis intervenções

4. Sugestões de artes visuais para possíveis intervenções

O uso das obras de arte nas atividades de ensino permite a discussão de assuntos relacionados a habilidades interpessoais, também chamadas de “*soft skills*”, que impactarão positivamente no cuidado com os pacientes. O interesse pelas artes é o interesse pela condição humana e leva ao aumento da empatia pelo próximo. Sendo este o objetivo último da profissão médica. Temos aqui alguns exemplos de artes que podem ser úteis.

Afresco de Hipócrates

O uso das obras de arte nas atividades de ensino permite a discussão de assuntos relacionados a habilidades interpessoais, também chamadas de “*soft skills*”, que impactarão positivamente no cuidado com os pacientes. O interesse pelas artes é o interesse pela condição humana e leva ao aumento da empatia pelo próximo. Sendo este o objetivo último da profissão médica. Temos aqui alguns exemplos de artes que podem ser úteis.

Figura 1: Afresco de Hipócrates no edifício histórico da universidade de Atenas.



Fonte: Wikipédia.

O afresco não é apenas uma representação pictórica; é uma encapsulação visual da filosofia hipocrática e dos princípios éticos que sustentam a prática médica. Nas imagens, Hipócrates frequentemente é retratado com uma expressão séria e contemplativa, simbolizando a gravidade e a responsabilidade que caracterizam a profissão médica. Ele é comumente mostrado segurando o "Código de Hipócrates", um antigo texto ético que serve como base para a ética médica moderna.

A localização deste afresco em um local de prestígio dentro de um edifício acadêmico serve para perpetuar a influência de Hipócrates e sua filosofia na educação médica contemporânea. Faz um apelo direto à intersecção da arte e da ciência, um tema que, como abordei anteriormente, é de imensa relevância para a formação médica integral. Ele atua como um lembrete constante para os estudantes e

profissionais da medicina que passam por ele, convidando-os a refletir sobre a história e a ética da sua profissão.

A presença deste afresco em um ambiente acadêmico como a Universidade de Atenas tem também uma dimensão didática. Serve como um instrumento pedagógico silencioso, mas poderoso, reiterando a necessidade de uma prática médica ética, empática e fundamentada no conhecimento científico sólido. Tal como as obras de arte discutidas anteriormente, este afresco conta uma história – uma narrativa que enfatiza o papel indelével da ética e da integridade na prática médica.

Assim, o afresco de Hipócrates serve múltiplas funções: é uma obra de arte, um registro histórico, um símbolo ético e um instrumento educacional. A sua presença enriquece o ambiente acadêmico e provoca reflexões contínuas sobre os princípios fundamentais da medicina, atuando assim como um elo silencioso, mas inegável, entre a medicina e as artes.

É nessa fusão de arte, história e ética que reside o verdadeiro valor do afresco de Hipócrates na Universidade de Atenas. Ele nos lembra que a medicina não é apenas uma ciência ou uma técnica, mas também uma arte – uma disciplina que requer não apenas conhecimento, mas sabedoria, não apenas habilidade, mas empatia.

O Bom Samaritano

Neste contexto, o quadro "O Bom Samaritano" de William Hogarth (figura 2) oferece um exemplo eloquente da intersecção entre arte e medicina, ilustrando como casos médicos foram, e ainda podem ser documentados artisticamente. Hogarth, um pintor e gravador britânico do século XVIII, era conhecido por suas representações incisivas da vida social e dos costumes da época. Em "O Bom Samaritano", ele aborda temas que vão desde a ética médica à condição humana, capturando com detalhes minuciosos o ato de prestar assistência médica.

Figura 2: O bom samaritano.



Fonte: William Hogarth.

A pintura se refere à parábola bíblica em que um samaritano ajuda um homem ferido à beira da estrada, uma história frequentemente citada como um exemplo inicial de cuidado médico compassivo. Hogarth utiliza sua arte para explorar as complexidades inerentes à prática médica, inclusive a necessidade de empatia, habilidade e conhecimento científico.

Esse trabalho artístico serve também como um comentário sobre a medicina de sua época, uma era em que a prática médica ainda não era estruturada como conhecemos hoje. Ele ressalta a importância de princípios que deveriam ser intrínsecos à prática médica, como a compaixão e a disposição para ajudar aqueles em necessidade, independentemente de sua condição social ou origem étnica.

Mas o que torna essa obra particularmente relevante para a educação médica é sua habilidade de suscitar discussão sobre casos médicos em um contexto mais amplo. O quadro pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica para explorar não apenas as habilidades técnicas necessárias para fornecer cuidado médico, mas também as habilidades interpessoais ou "*soft skills*" que são cruciais para a eficácia desse cuidado. Ele desafia o observador a considerar questões éticas, sociais e emocionais que permeiam a prática médica.

De fato, a análise de obras de arte como "O Bom Samaritano" pode oferecer aos estudantes de medicina uma oportunidade única para desenvolver uma compreensão mais holística da medicina. Isso inclui não só o desenvolvimento de habilidades de observação clínica, mas também o fortalecimento de habilidades interpessoais como empatia e comunicação eficaz. Além disso, a arte tem o poder de humanizar a medicina, lembrando aos futuros médicos que por trás de cada caso clínico há uma pessoa com uma história, sentimentos e necessidades únicas.

Deste modo, a arte "O Bom Samaritano" serve como um testemunho visual da complexidade da prática médica, abrangendo desde a técnica até a ética e as emoções humanas. Essa obra, como muitas outras representações artísticas de casos médicos, reforça a ideia de que a medicina não é uma ciência isolada, mas uma disciplina profundamente interconectada com a sociedade e a cultura, requerendo uma compreensão abrangente e compassiva da condição humana para sua prática eficaz.

It's a pity I didn't get to your case earlier

A obra "It's a pity I didn't get to your case earlier, Mrs. Perkins..." de Darrow Whitney (figura 3), disponível nas coleções da Biblioteca da Universidade de Yale, apresenta uma oportunidade única para examinar a interseção de arte, ética e prática médica dentro do

contexto da educação médica. Whitney, um cartunista e ilustrador americano conhecido por seu trabalho satírico, usa a arte para capturar e questionar aspectos da cultura e da prática médicas de sua época.

Figura 3: Darrow, Whitney, 1909-1999: "It's a pity I didn't get to your case earlier, Mrs. Perkins..."



Fonte: Biblioteca da Yale University da Yale University.

A imagem, que retrata um médico lamentando não ter acesso mais cedo ao caso de Mrs. Perkins, pode suscitar uma série de questões éticas e práticas. Tais questões podem abranger desde o *timing* e a eficácia do tratamento médico até as implicações mais amplas de responsabilidade e culpa no contexto da assistência médica.

Utilizar esta obra como material didático na educação médica pode fomentar discussões produtivas em várias áreas. Em primeiro lugar, ela pode servir como um catalisador para a análise crítica das dinâmicas de poder entre médico e paciente. O arrependimento expresso pelo médico na imagem, apesar de irônico, poderia levar a conversas sobre a importância da comunicação aberta e honesta com os pacientes, bem como sobre o conceito de consentimento informado.

Em segundo lugar, a obra pode também ser usada para explorar questões de ética médica, como a responsabilidade profissional e pessoal. A frase "É uma pena que eu não tenha chegado ao seu caso mais cedo" pode ser o ponto de partida para discussões sobre negligência médica, padrões de cuidado e o dever de agir prontamente e eficazmente em benefício dos pacientes.

Ademais, o caráter satírico da obra oferece um terreno fértil para debates sobre o papel da crítica social na medicina. Através da análise desta imagem, os estudantes podem ser incentivados a questionar e avaliar suas próprias concepções e atitudes, não apenas como futuros médicos, mas também como cidadãos conscientes das complexidades sociais que influenciam a saúde e o bem-estar.

Portanto, a integração de obras como a de Darrow Whitney no currículo médico pode enriquecer a formação dos estudantes de várias maneiras. Ao promover o pensamento crítico, a empatia e a conscientização ética, esses recursos artísticos têm o potencial de complementar o treinamento técnico e científico, contribuindo para a formação de profissionais médicos mais completos e humanisticamente capacitados.

The Surgeon

"The Surgeon" de Lucas Van Leyden (figura 4), um mestre renascentista holandês, proporciona uma visão sobre a prática médica da época, marcada pela mescla de ciência, superstição e arte. A obra é especialmente intrigante para estudantes e profissionais de medicina, pois pode servir como uma lente através da qual se pode examinar as raízes históricas e as transformações subseqüentes na prática médica.

Figura 4: The Surgeon.



Fonte: Lucas van Leyden (Netherlandish, Leiden ca. 1494–1533 Leiden).

A pintura apresenta um cirurgião em meio ao ato de realizar uma operação. O foco da obra não é apenas a habilidade técnica do cirurgião, mas também a interação humana que se estabelece durante o procedimento. Esta dualidade é relevante para a educação médica moderna, que busca harmonizar competência técnica com habilidades interpessoais, ou "*soft skills*".

Integrar a análise desta obra no currículo médico pode oferecer múltiplas vantagens. Primeiramente, ela serve como um recurso educacional para estudantes sobre a história da medicina, permitindo que compreendam como as práticas médicas evoluíram ao longo do tempo e como as percepções sociais em relação à medicina e aos médicos foram moldadas.

O foco da obra no ato cirúrgico e na relação entre o cirurgião e o paciente abre espaço para discussões éticas e técnicas. Questões como consentimento informado, responsabilidade médica, e a necessidade de habilidades de comunicação eficazes podem ser exploradas através da interpretação da obra. Além disso, a análise da técnica do cirurgião retratado na pintura poderia levar a uma discussão enriquecedora sobre os princípios fundamentais da cirurgia e como eles evoluíram para as práticas atuais.

A complexidade emocional retratada na pintura também pode ser um ponto de partida para abordar a importância da empatia e do cuidado centrado no paciente. Essa humanização da prática médica ajuda os futuros médicos a se lembrarem de que a medicina é, acima de tudo, uma profissão voltada para o bem-estar humano.

Batalha contra o câncer

Nesta linha de pensamento, a obra "Portrait of the Artist with her Mother, Selma Butter" (figura 5) de Hannah Wilke, criada entre 1978 e 1981, é uma representação poderosa do sofrimento humano e das complexidades da relação médico-paciente.

Figura 5: Batalha contra o câncer de Hannah Wilke.



Fonte: Hannah Wilke (1960)

A obra de Hannah Wilke oferece uma oportunidade valiosa para expandir o escopo da educação médica para incluir a complexa interseção de fatores emocionais, psicológicos e sociais que contribuem para a experiência de saúde e doença. Ao fazê-lo, ele permite uma formação mais completa e sensível às complexidades do cuidado humano, alinhada com os ideais contemporâneos de uma medicina verdadeiramente centrada no paciente.

Quando os pacientes observam suas deficiências em uma obra artística, há uma suspensão destas deficiências no tempo, dando algum poder destes sobre elas, reduzindo seu sofrimento. O quadro tem um potencial significativo para enriquecer a educação médica, especialmente no que diz respeito ao entendimento das dimensões psicológicas e emocionais do cuidado ao paciente.

O ato de integrar a observação de arte como essa na formação médica oferece aos estudantes de medicina uma nova perspectiva sobre como os pacientes experimentam suas condições médicas. A arte tem a capacidade de "suspender" um momento, permitindo tanto ao observador quanto ao sujeito um tempo para refletir sobre o estado em questão. Isso pode empoderar os pacientes, permitindo-lhes ter alguma forma de controle ou pelo menos um entendimento mais profundo de suas condições, o que pode levar a uma redução subjetiva do sofrimento.

No contexto educacional, a análise dessa obra pode inspirar futuros médicos a considerar o poder da narrativa e da representação na experiência do paciente. Isso é fundamental para o desenvolvimento de uma abordagem mais holística ao cuidado médico, que vai além do simples diagnóstico e tratamento de sintomas físicos para incluir considerações psicológicas e emocionais.

Além disso, a obra pode ser um ponto de partida para discussões profundas sobre a importância das habilidades de comunicação e empatia no campo médico. A relação entre a artista e sua mãe na pintura pode ser extrapolada para explorar a dinâmica da relação médico-paciente, particularmente em termos de vulnerabilidade, confiança e o equilíbrio delicado de poder que pode existir.

A incorporação de obras como essa também abre espaço para a discussão sobre questões de ética médica, como o consentimento informado, a autonomia do paciente e o conceito de "fazer o bem". O quadro levanta questões sobre como a doença é experimentada e gerenciada, e como o profissional médico pode atuar para melhorar não apenas os sintomas físicos, mas também a qualidade de vida do paciente.

The New York Times

A capa da revista *The New York Times* de 15 de agosto de 1993 pode servir como um estudo de caso para explorar como questões éticas, sociais e culturais são abordadas na mídia. Isso pode incluir discussões sobre estigmatização, representação e até mesmo a comercialização da saúde. Essas são questões que futuros médicos devem entender profundamente para se comunicar eficazmente com seus pacientes e com o público em geral.

Figura 6: Capa da revista *The New York Times*.



Fonte: Andrew Sondern, créditos da revista *The New York Times*.

Nude with Skeleton

"Nude with Skeleton" (figura 7) de Marina Abramović é uma obra de arte performática que desafia os espectadores a confrontar questões de mortalidade, vulnerabilidade e a relação íntima entre vida e morte. Esta peça pode ser relevante para a educação médica, pois aborda temáticas que são, por vezes, evitadas no treinamento médico, mas são intrínsecas à prática clínica.

Figura 7: Nude with Skeleton.



Fonte: Marina Abramović.

No contexto acadêmico, introduzir uma obra como esta pode criar uma oportunidade para os estudantes de medicina explorarem suas próprias percepções e atitudes em relação à morte e ao sofrimento. Os futuros médicos frequentemente se concentram no prolongamento da vida e na cura de doenças; no entanto, há momentos em que o melhor curso de ação é o conforto, a aceitação e a preparação para o fim da vida. "Nude with Skeleton" desafia os observadores a considerar estas questões de uma forma visceral.

A obra pode ser uma ferramenta eficaz para discutir questões de ética médica e humanismo. Por exemplo, pode-se debater o papel do médico em situações de fim de vida, os princípios de autonomia do paciente e consentimento informado, e a importância da comunicação sensível e empática em momentos de extrema vulnerabilidade. A peça também abre espaço para discussões sobre a relação entre o corpo e a mente, o físico e o espiritual, e como essas dualidades são frequentemente confrontadas em contextos médicos.

O aspecto performático da obra também traz à tona a questão do corpo como um "objeto" em contextos médicos. Os futuros médicos podem ser incentivados a refletir sobre como abordar o corpo de um paciente de forma respeitosa e consciente, reconhecendo suas complexidades e sua dignidade mesmo em estados de extrema fragilidade ou vulnerabilidade.

"Nude with Skeleton" pode funcionar como um catalisador para uma série de discussões na educação médica. A peça desafia os espectadores e, por extensão, os estudantes de medicina, a explorar questões existenciais e éticas que são fundamentais para a prática médica, mas muitas vezes são negligenciadas nos currículos tradicionais. Introduzir obras de arte desse calibre pode enriquecer e humanizar a formação médica, preparando os futuros médicos para as complexidades emocionais e éticas da prática clínica.

Every One # 14

As fotografias de Sophie Ristelhueber (figura 8) oferecem uma representação visual impactante da pele como uma barreira entre o corpo e o mundo exterior, mas também como um potencial obstáculo em casos de doença ou tratamento médico. Sua obra pode servir como um recurso educativo valioso no ensino médico para abordar temas que vão desde a anatomia e fisiologia até as questões éticas e psicológicas que surgem no cuidado ao paciente.

Figura 8: Every One # 14.



Fonte: Victoria and Albert Museum, London.

A pele separa o corpo do meio externo, protegendo-o de interferências externas; contudo, pode ser um obstáculo quando essa ação é forçada pela doença e/ou seu tratamento. Isso é ilustrado pelas obras de Sophie Ristelhueber.

Inicialmente, as imagens podem ser usadas para enriquecer a compreensão dos alunos sobre a estrutura e a função da pele, ilustrando de forma clara e tangível suas diversas camadas e suas funções protetoras. Isso pode ajudar a solidificar o entendimento teórico dos estudantes e proporcionar uma base sólida para o estudo de patologias dermatológicas e procedimentos clínicos relacionados.

A obra de Ristelhueber pode servir como um ponto de partida para discussões mais amplas sobre como doenças físicas e tratamentos médicos podem afetar o paciente não apenas em um nível fisiológico, mas também psicológico e emocional. A pele, como o maior órgão do corpo e o mais visível, frequentemente serve como um indicador de saúde geral e bem-estar. Alterações na pele podem ter um impacto significativo na autoestima e na qualidade de vida do paciente, um aspecto que não deve ser subestimado no contexto clínico.

Isso nos leva a um terceiro ponto importante: a ética e a comunicação em medicina. As imagens de Ristelhueber podem estimular discussões sobre como abordar questões sensíveis com os pacientes, como discutir um diagnóstico ou propor um tratamento que pode ter implicações estéticas. Além disso, a forma como a pele pode servir tanto como uma barreira protetora quanto um obstáculo no tratamento médico abre caminho para discussões éticas sobre o consentimento informado, a autonomia do paciente e a beneficência versus a não maleficência.

A técnica de plastinação

A técnica de plastinação (figura 9), popularizada por Gunther von Hagens, representa uma revolução no campo da anatomia e, por extensão, na educação médica. Essa técnica envolve a substituição dos fluidos corporais por polímeros plásticos, resultando em espécimes humanos ou animais que são inodoros, duráveis e retêm a maior parte de suas propriedades macroscópicas e microscópicas. A integração desta técnica nos currículos médicos oferece múltiplas vantagens pedagógicas e éticas que merecem consideração.

Figura 9: Técnica de plastinação.



Fonte: Gunther von Hagens.

As exposições de von Hagens, frequentemente chamadas de "Body Worlds" (Mundos do Corpo), causaram controvérsia e discussões éticas desde o início, e um dos casos mais sensíveis foi quando membros de uma família acreditaram ter reconhecido um parente em uma das exposições.

Nesse incidente específico, a controvérsia ética girou em torno de várias questões, como do consentimento informado. Von Hagens é afirmado que todos os corpos exibidos em suas exposições foram legalmente doados e que os doadores deram consentimento completo para serem usados dessa maneira. No entanto, o incidente com a família levantou preocupações sobre se o consentimento foi devidamente obtido, especialmente em casos onde as famílias não estavam cientes da decisão do falecido ou onde poderia haver dúvidas sobre a origem dos corpos.

Do ponto de vista educacional, os espécimes plastinados oferecem uma representação tridimensional altamente detalhada das estruturas anatômicas, o que pode enriquecer o entendimento dos estudantes sobre a complexidade e a inter-relação das várias partes do corpo humano. A visibilidade e a tangibilidade dos espécimes também favorecem uma aprendizagem mais ativa e colaborativa, uma vez que os alunos podem explorar, tocar e até desmontar as peças para uma análise mais aprofundada.

A plastinação também apresenta benefícios éticos substanciais. Os métodos tradicionais de preservação, como a formalina, apresentam riscos à saúde e requerem um ambiente rigorosamente controlado. A plastinação elimina esses riscos e reduz a necessidade de um espaço especializado para armazenamento. Além disso, o processo de plastinação é muitas vezes visto como uma forma mais respeitosa de tratar os espécimes humanos, uma vez que resulta em uma apresentação mais "limpa" e duradoura.

A Esclerose Lateral Amiotrófica – ELA de Roger

Roger (figura 10), por Mark Gilbert, portador de esclerose lateral amiotrófica (ELA), uma doença degenerativa, declarou sua esperança de que os desenhos de sua condição inspirassem outros a ver a força do espírito humano.

Figura 10: A Esclerose Lateral Amiotrófica – ELA de Roger.



Fonte: Mark Gilbert.

Contudo, deve-se abordar as complexas questões éticas que cercam o uso de corpos humanos para fins educacionais. Isso inclui a proveniência dos corpos, o consentimento informado dos doadores ou de suas famílias, e o potencial para objetivação ou desumanização. A técnica de plastinação, especialmente quando utilizada em exposições públicas como "Body Worlds", levanta questões adicionais sobre a comoditização do corpo humano e o equilíbrio entre educação e exploração.

Observem a manta com o símbolo da força aérea norte americana contando um pouco da sua história e demonstrando que esta pessoa não se resume a alguém com uma deficiência.

Ver suas próprias experiências retratadas de uma forma que valoriza sua humanidade e força pode ajudar um paciente a encontrar esperança e motivação para enfrentar seus desafios.

Quando os pacientes veem suas próprias experiências retratadas em uma obra de arte, eles adquirem algum poder sobre sua condição, reduzindo seu sofrimento.

Pacientes que veem retratadas condições semelhantes as suas, encontram conforto ao ver que outras pessoas também passam por situações semelhantes. Logo, a arte pode ter valor terapêutico para pacientes que lidam com doenças e deficiências.

Ana Mae Barbosa e Arte Educação: Interfaces com o Ensino Médico

5. Ana Mae Barbosa e Arte Educação: Interfaces com o Ensino Médico

Ana Mae Barbosa é uma educadora brasileira que, quando diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP sistematizou a abordagem triangular, também chamada de Proposta triangular. A Abordagem Triangular era originalmente uma proposta de ensino de arte-educação baseada em museus. No início foi chamada de metodologia triangular.

Ela se baseia em três eixos principais: contextualizar, fazer e apreciar. O eixo contextualizar envolve a compreensão do contexto histórico, social e cultural em que a obra de arte foi criada. Já o eixo "fazer" é sobre a releitura da obra, ou seja, a interpretação pessoal do estudante, que pode usar diferentes materiais e técnicas para produzir sua própria obra, baseada na obra original, mas com sua própria interpretação. No entanto, é importante destacar que não se trata de simplesmente copiar a obra original, mas sim de usar a inspiração para criar algo novo. O objetivo é estimular a criatividade e a expressão pessoal dos estudantes.

Por fim, o eixo apreciar envolve a interação entre o objeto (a obra de arte) e o sujeito (o estudante), que deve mobilizar seus conhecimentos conceituais e tecnológicos para compreender a obra de arte em seu contexto e para avaliar sua própria criação.

Ana Mae expandiu o uso da abordagem triangular para além do ensino da Arte, renomeando de Metodologia para Abordagem, explicando que esta não deve ser utilizada de forma engessada.

Esta proposta de intervenção nos proporciona a oportunidade de utilizar a abordagem triangular. Os temas do PjBL nos trazem a contextualização. Já a intervenção artística, transformada em produtos na mini exposição, os pilares restantes desta: fazer e apreciar.

Considerações Finais

6. Considerações Finais

Em síntese, a medicina amalgama ciência e arte, fato amplamente destacado pelo surgimento da medicina baseada em evidências, que ressalta o imperativo da sustentação científica para embasar a prática clínica. Contudo, a percepção da medicina como arte ainda é rudimentar e, em muitos aspectos, algo vago para os investigadores contemporâneos. Tal lacuna cognitiva pode propiciar a minimização da relevância da dimensão artística na medicina. Por este prisma, o estudo em questão apenas tangencia a superfície de múltiplas possibilidades do uso da arte na graduação médica, sendo necessários mais estudos que integrem arte e medicina em sua amplitude e multidisciplinaridade.

Referências Bibliográficas

ALDRETE, G. S. **Daily Life in the Roman City: Rome, Pompeii, and Ostia.** [s.l.] Bloomsbury Academic, 2004.

CHARON, R.; DASGUPTA, S.; HERMANN, N. **The principles and practice of narrative medicine.** Oxford University Press, 2017.

Dillenbourg P. (1999). **What do you mean by collaborative learning?** In P. Dillenbourg (Ed), Collaborative-learning: Cognitive and computational approaches (pp. 1-19). Oxford: Elsevier.

DILLENBOURG, P.; DILLENBOURG; DILLENBOURG, P. **Collaborative Learning: Cognitive and Computational Approaches.** 2nd edition ed. Amsterdam; New York: Emerald Publishing Limited, 1999.

KIM, K.-J. Project-based learning approach to increase medical student empathy. **Medical Education Online**, v. 25, n. 1, p. 174-2965, dez. 2020.

KING, H. **Midwifery, obstetrics and the rise of gynaecology: The uses of a sixteenth-century compendium.** Routledge, 2017.

KRAJCIK, J. S.; BLUMENFELD, P. C. The Cambridge handbook of the learning sciences. **Project-based learning**, p. 317-334, 2006.

LAURENZA, D. **Art and anatomy in Renaissance Italy: images from a scientific revolution.** Metropolitan Museum of Art, 2012.

O'NEILL, P. **The Culture of Curating and the Curating of Culture(s).** [s.l.] MIT Press, 2012.

SELF, D. J. **The role of the humanities in medical education.** 1978.

SHAPIRO, J. RUCKER, L.; BECK, J. Training the clinical eye and mind: using the arts to develop medical students' observational and pattern recognition skills. **Medical Education**, v. 40, n. 3, p. 263-268, 2006.

THOMAS, J. W. A REVIEW OF RESEARCH ON PROJECT-BASED LEARNING. 2000. Disponível em:
<<https://www.semanticscholar.org/paper/> Acesso em: 12 nov. 2023



Mestrado Profissional em Ensino
em Ciências da Saúde e do Meio
Ambiente

UniFOA